

# LUUANDA: A ORALITURA TELÚRICA DO MUSSEQUE

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

sandomen@hotmail.com.

*Luandino, pangyami ya dikota, ngeza boba mu Porto pala kukutangela misoso yami, ya mwenyu wami, kidi mwene pe.*

«Esse vento assim», «ar quente às cambalhotas ... pondo rolos de poeira pelas ruas», de trazer «azar e doença, são feiticeiros que lhes põem». Lhe sinto ainda naquele tempo do antigamente, lá no Cazenga, aviso das nossas mães, tias e avós, nunca ficar no meio. Tudo, no musseque, vinha do viver o mato, o musseque era o quimbo trasladado na cidade, sem honga pra cultivar. Por isso, o areal nos capinava a alma, com a enxada da língua. Viver era assim tão rente ao chão e à alma colectiva. Pingos de chuva na aridez eram uma bênção. «Cantiga de água nos zincos», «carros cuspiendo lama na cara das cubatas», «mães gritando nos monandengues para sair embora da rua», «o falar grosso da trovoada», «as fracas paredes de pau-a-pique... madeiras, papelões, luandos».

O filosofar da grande prosa universal. Como Pepetela, mais tarde, no Mayombe. «Dizia Xico Futa: É assim como um cajueiro, um pau velho e bom, quando dá sombra e cajus inchados de sumo (...) E os frutos vermelhos e amarelos são bocados de sol pendurados. (...) Como começou esse pau?».

Teorema do cajueiro. Só quem viveu e andou descalço no musseque do antigamente (que hoje já não há território de jogar à bola no musseque) consegue comprovar o teorema do cajueiro. A prova é a castanha do caju.

Eu, candengue, samassei o corpo e a alma com massa de mandioca inteira na água de três dias, pra secar bombo, nessa invocação do cajueiro a lhe nascerem abrindo a terra, um dia, outro dia ia espreitar as primeiras folhas branquíssimas a sair da casca cinzenta do caju e, outros dias, chorei sem lágrima de ver já o primeiro pé do grande cajueiro que estava pra vir se não lhe comessem num ngulo descurrelado. Nossas vidas candengues no Cazenga eram no tronco do cajueiro. Colher caju. O mais doce era o caju bananita, esse frutíssimo kapiqueno, de casca ferida em estrias pela boca das formigas vermelhas, esse frutíssimo dulcíssimo, quem lhe achasse no pau era rei. Nossos papagaios se prendiam no alto dos cajueiros. E eu apanhei muitas cigarras empoleirado nos troncos mais altos dos cajueiros. Vos conto. Minha confiscação do antigamente. Agoramente.

A minha prima Aleluia, da mesma idade que eu, quase se namorámos de tanto se gostarmos. Ela ria buéreré e me pedia, Zé Luís, vamos passear, Zé Luís, sobe no cajueiro e me traz aquelas cigarras. E eu subia no pau e batia nas cigarras cantantes com a borracha da minha físga, o canto anoitecia e as cigarras caíam no chão. A minha prima Aleluia, que teria agora a mesma idade que eu se não tivesse falecido antes dos trinta com cancro do peito, a minha prima Aleluia corria à minha frente, entrava no quintal e aproveitava uma saliência das brasas do fogareiro onde a minha mãe fritava lambula, sardinha ou matona e lhes assava no carvão e eu ia na cozinha buscar uma pitada de sal para temperar o camarão do musseque, tal era o sabor do pitéu. Foi com a Aleluia que descobri esse manjar delicioso. Estou a viver o riso de sanga piquena da minha prima Aleluia até sempre. Aleluia, que me ensinaste a matar a fome com camarão voador que cantava nos paus de cajueiro. Afinal, o meu pai ainda tinha dinheiro pra nos mandar na escola da Cuca, onde o contínuo era maneta e a minha mãe lhe chamava Xiji. Mas nome dele era mesmo Sô Assis.

Um dia, abriram uma enorme vala onde cabia um camião. Eu estava a passar com o meu primo Zeca, irmão da Aleluia, e fui espreitar o grande buraco onde cabia um camião. Era a conduta que levaria a água do Bengo até ao famoso tanque do Cazenga. Estava em cima do buraco um homem grande e gordo e branco a vigiar os trabalhos de trinta e tal africanos dentro do buraco. Me aproximei e o vigilante nada disse. Veio sorrateiramente até mim. E eu a sorrir pra ele. De repente, me desferiu um chicote de mangueira de borracha bem nas minhas costas. Naquele tempo, devido o calor e de brincarmos nareia, andávamos sempre sem camisa. O terror na minha alma foi total. A dor doía o seu doer de não saber porquê. Fugi a sete pés. Eu tinha 12 anos. Pedi ao meu primo Zeca: «Xé, Zeca, vai já a correr, que eu já te sigo!» Porque ele era muito candengue e não corria nada. Eu já tinha apanhado do chão uma boa pedra prátestar onde calhasse na barriga grande do senhor capataz. Só que o meu primo Zeca também ficou parado no medo dele a sorrir sem porquê e assim a me dar mais raiva nos olhos de lhe ver. Fomos pra casa lentos, eu triste, o meu primo parvo na sua candenguice.

Vos conto estes mambos do meu passado, por causa do chicote que Sô SOUTO deu em Zeca Santos na primeira estória de *Luuanda*. Igual ao meu chicote. Táctica dolorosa da

raposa contra a nossa inocência. E conto também pra sentirem como eu senti quando li a primeira vez *LUUANDA* com dois us. Eu sou Zeca Santos, sou Garriado Kamututa, sou essa miúda sacana chamada Inácia, me vi mesmo ali com Dosreis na cadeia a filosofar qual Heráclito sobre a origem das coisas nascidas de ver a semente do caju se engravidar com a chuva no chão do caminho de ir cartar água e comprar pão, mesmo que o musseque do Luandino seja o Sambizanga ou Sambila, o Cazenga cabe aqui todo no mesmo coração chicotado da nossa Luuanda. Me doeue muito este livro, man Luandino, agora reler outra vez me dói parece é chicote de jihenda.

Nós tínhamos uma grande mulembeira no grande areal onde fazíamos os nossos desafios. As folhas dessa mulemba «xaxualhavam baixinho e a sombra estendida estava boa, fresca, parecia era água de moringue». Por isso, nosso clube do bairro se chamava Mulemba: «perdere como ganhare, é Mulemba perigosa!», cantávamos. Mentira: perdemos todos jogos. No clube da Muemba, só três sabiam jogar. Treinávamos com o vizinho mais velho Sô Chalupa, mulato imbumbável que ameaçava na irmã dele, a Dona Mabunda: Se me obrigares trabalhar, vou satirar no mar. Dona Mabunda chorava por dentro. Tomava conta de Sô Chalupa. Vendia doces. Sustentava os dois. Nenhum tinha filhos na casa de madeira. Se filhos fez cada irmão, nunca lhes vimos. Velho Chalupa ficava sentado numa cadeira com os cotovelos apoiados nas costas da cadeira a nos ver jogar. Era nosso treinador. Me lembro que o melhor de nós todos era o meu irmão Rómulo, que disparava um tiro de canhão. Era o líder, o capitão daquela areia. O golo que saía no pé dele descascava o barro seco da casa de pau-a-pique da vizinha Dona Madalena. Às vezes dava maka grossa. Meu irmão entrou na escola industrial Oliveira Salazar. Foi o melhor desenhador de máquinas. Um dia, trouxe lá em casa um alicate torneado nas suas mãos. Até Sô Chalupa foi lá em casa ver o alicate. Meu irmão ganhou o concurso de desenho da Mocidade Portuguesa. A nível de toda a província de Angola. Ia disputar o concurso nacional, na Metrópole. Nunca lhe mandaram, mesmo que o meu pai tinha até comprado um fato azul para ele ir na Melói. Antigamente, era vergonha um mulato vencer os brancos na arte de trabalhar o compasso e a tinta-da-china.

Te digo uma coisa, Man Luandino, escritor é patrão da estória, mas não tinhas o direito de estilhaçar o amor-próprio do Garrido das kinamas dessa maneira, lhe pondo atrás de uma garina saliente como a Inácia que, ademais de lhe pôr a andar como macaco-cão de patas no ar, ainda lhe fizeste assistir ela a dormir no luando com outro madié, na ora de roubar o papagaio. Se Garrido «era um soco» cada vez o papagaio entrava no vestido da Naxa, lhe maltratares assim na estória é demais, mesmo esse Garrido ser só um sungari-bengo de tinta. Dosreis humilhado na chapada de Zuzé no pescoço, a chicotada traiçoeira em Zeca Santos, isso ainda se compreende por ter contraponto na Declaração Universal dos Direitos do Homem. Mas essa pose do Garrido de mãos a andar no chão perante a dama a lhe dar quissende e a lhe xingar «Filho da mãe aleijado! Sem pernas da tuji!» é deletéria. Não nasceu o Tomas Hobbes de teorizar essa humilhação do género masculino.

E mesmo esse Tomas Hobbes escreveu tolerância e entendimento, praquê, se este mundo não mudou? E mesmo o nosso Luandino escreveu estes casos de Via Rápida, Lome-lino dos Reis, Zeca Santos filho de terrorista preso, praquê? Agora mesmo que vos falo, conseguimos repetir a pobreza, a humilhação, o desprezo, a rejeição do inocente cujo único pecado é o de ter nascido noutra pele, ou numa palestina de pedras e de pernas aleijadas.

Man Luandino, quem que te seguiu as pisadas, se não o próprio Manuel Rui, no estilo dele, contudo magnetizado nesse mesmo íman da fala? Os miúdos e o porco kapikeno. Os miúdos e a galinha Cabiri. Fábulas da nossa vida vivida. Se a galinha se safou-se ainda, o porco lhe comeram mesmo. Ai, quem me dera ser onda! E banhar estas páginas de estórias cheias de Cabiris e Carnavais da Vitória, agora que vemos outra era, musseque sai no Sambizanga subiu o prédio da Baixa e porco tomando banho na banheira do sétimo andar. Ai, quem me dera ser onda («essa ideia me cresce como capim por todos os lados da cabeça e do coração») e trazer na crista miúdo Xico e miúdo Beto para levarem fala deles de salvar também o porco Carnaval na estória do Manuel Rui.

O destino tem cada coisa que a ciência nunca que consegue explicar. Até na estória do roubo dos patos eu estou metido. Não é que o meu primo-cunhado, o marido viúvo dessa Aleluia minha prima das cigarras (que Nzambi a tenha) se chama Pato. Pato de Comba. Entrava na casa de óbito sem conhecer o morto combado no sétimo dia, na hora de se comer o feijão de óleo palma, as lambulas grelhadas e beber o quimbombo na folha. Depois virou polícia na dipanda, vejam lá! Mas era Pato de Comba por causa a fome no tempo do coló-coló. Quando o colono foi embora e entrou a nossa dipanda dos tiros, escolheu ser polícia pra não ir na frente, podiam lhe matar e hoje já é chefe katé. Se vos conto estas coisas, devem pensar o Mendonça é escritor e veio aqui dizer ficção. Não sou nada escritor. Lá de onde viemos, tem cada mambo que só visto, contado assim, vocês nem que acreditam. *Bu xyietu kuna mu Luuanda, wolobita yma ya kwata sonyii*. Se Nga Bina fosse viva e grávida, hoje, não mais ia chupar o ovo cru. Hoje ia lhe comer ainda cozido com jindungo. Hoje não temos mais pau-a-pique. Zinco temos, muito zinco, e muito bloco de areia e cimento. Antigamente éramos uma alma de barro e de pau. Hoje somos uma alma de cimento.

Um escritor português falou Português do Brasil é açucarado, eu digo o Portungolês de Angola é um português batucado. Man Luandino eh, me conversaste tua estória numa língua feita de bantulusofonias, lhe gostei, «um fósforo aceso correu» no meu sangue «jindungo, quissondes» a me morder como o Garrido. Luuanda não viola a fronteira normativa, há masé outro idio(gra)ma nosso, outro ovo literário de encantar gravidezes do beco do musseque.

Por isso te respondo hoje, Man Luandino, não vim aqui levantar a oralidade primária das gentes que lhes puseste com eles nas estórias, não, vim masé te dizer, na minha, a tua própria oralitura telúrica do musseque, de nos falar mussequenamente, a começar do pó, «ngoma de farra dentro dos olhos», borboletas e quinjongos a saltarem por todos os

lados, «esse barulho da vida ... Tem o soprar do vento, o bater dos zínco, nalguns sítios, o cantar da água a correr ainda e, em cima de tudo, misturado com todos os ruídos, o zumbir das vozes das pessoas no musseque, falando, rindo, essa música boa dos barulhos dos pássaros e dos paus, das águas, parece sem esse viver da gente o resto não podia se ouvir mesmo, não era nada». Ngoma carnal, eléctrica, telúrica. Feita de «sol pequeno, pelejando com as nuvens ainda a tapar o azul do céu», de sol que põe «pequenas escamas vermelhas lá em baixo nas ondas mansas da Baía». Por isso, mesmo tanta guerra de farda e à civil nunca nos faz deixar essa ngoma de sol quente.

Tinha ainda muitos mambos pra contar no Luandino, mas o Francisco Topa topa tudo e avisou no Hotmail: não perder, no passo da fala, o candongueiro dos 20 minutos. Então, *Mungu é, xala kiambote, pange yami!*

